

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS**Região mais exposta a tempestades tropicais**

Os Açores, a manter-se a tendência de aquecimento global, terão maior probabilidade de serem atingidos por tempestades tropicais. A possibilidade é avançada ao DI pelo professor universitário Eduardo Brito de Azevedo.

Explica o académico que, a curto prazo, com o aumento previsível da força destrutiva dos furacões no Atlântico, as tempestades tropicais poderão durar mais tempo e manterem a sua intensidade até chegarem ao arquipélago.

“Este é um fenómeno que tem vindo a ser debatido na comunidade científica e não só. Já era previsível que, com o aquecimento da superfície da água do mar (que alimenta os furacões), estes ganhassem maior força destrutiva. Ora, ao subirem a Norte pelas correntes do Golfo, estes fenómenos, já classificados como tempestades tropicais, podem chegar com maior intensidade aos Açores, que ficam no seu caminho. O arquipélago está no limite do arco de acção dos furacões no Atlântico”, argumenta o investigador, responsável pelo projecto CLIMAAT, afecto à Universidade dos Açores.

MUDANÇA NO TEMPO

Adianta Brito de Azevedo que, nas últimas décadas, a água fria do Atlântico Norte faz com que os furacões percam força quando abandonam o Golfo do México e rumam, por exemplo, aos Açores.

“Mas a água do mar tem vindo a subir de temperatura. Isso terá efeitos. Aliás, é por isso que, hoje, vemos furacões com maior força destrutiva na zona do Golfo do México, caso do Félix, agora em actividade junto à Nicarágua, e do recente Dean, que também chegou à força 5. Era previsível no meio científico não o aumento do número de furacões, mas a maior frequência de fenómenos desta natureza com capacidades destrutivas elevadas”, explica Brito de Azevedo.

“Curiosamente, poucos dias antes do furacão Katrina, que afectou Nova Orleães, nos Estados Unidos, um artigo na revista Science noticiava a previsibilidade de os furacões, por

causa do aquecimento global, virem a aumentar a sua força destruidora”, alega.

O professor universitário reconhece também que, num prazo de 100 anos, confirmando-se a previsível subida de temperatura da água do mar nos Açores em um grau, a probabilidade do arquipélago “sofrer com estes fenómenos” climáticos aumenta.

Os furacões nascem, maioritariamente, junto à costa africana como depressões tropicais, alimentando-se da água quente da Corrente do Golfo. Depois, viajam para Oeste, ganhando maior intensidade e formando tempestades tropicais que, nas quentes águas do Golfo do México, atingem a categoria de furacões, por esta altura do ano.

Depois, alguns deles, sobem a Norte, aproveitando braços da Corrente do Golfo, rumando aos Açores. Mas, com a água fria, vão perdendo intensidade, regressando ao estado de tempestades tropicais e, na maioria dos casos, desvanecendo-se.

ESTRAGOS NA NICARÁGUA

Ao fecho desta edição, surgiam as notícias dos primeiros estragos causados pelo furacão Félix na Nicarágua.

Com ventos de 260 quilómetros/hora, o fenómeno climatérico arrancou telhados de numerosas casas, postes eléctricos e árvores.

Em progressão para as Honduras, o furacão inflectiu para a Nicarágua, flagelando de madrugada a costa entre Sandy Bay e Puerto Cabezas (norte), adiantava a Lusa.

O exército foi mobilizado e incumbido das operações de socorro nas zonas de potencial risco.

Em causa estão infra-estruturas costeiras, bem como trabalhos de busca e resgate de eventuais vítimas.

Em Waspan, na fronteira com as Honduras, a Defesa Civil mandou retirar 800 pessoas da comunidade indígena de Milikos.

Até ao fecho desta edição, não havia vítimas a lamentar, prevalecendo o alerta vermelho no norte da Nicarágua, amarelo no sul e verde no resto do território. ■

FOTOGRAFIA GUSTAVO AMADOR |EPA



NAS HONDURAS já se preparam para a chegada do Félix